

Redacção, administração
e Officinas-tipográficas

Avenida Agostinho Pinheiro

AVEIRO

Campeão das Províncias

Decano dos jornais portugueses fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino de Almeida Maia

Director de 1 de Agosto de 1896 a 5 de Outubro de 1922—Firmino de Vilhena de Almeida Maia

Propriedade da Empresa "Campeão das Províncias,

ASSINATURAS—Em Portugal, 10\$00. Para a África, 18\$00.
Para os restantes países, 25\$00 (moeda forte).

Número do dia, \$20.

A cobrança feita pelo correio, acresce a importância a dispensar com ela.

A assinatura é contada dos dias 1 ou 15 de cada mês e cobrada, na falta de acordo especial, no começo de cada trimestre.

Não se restituem originaes

Publica-se aos sábados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados.

ANÚNCIOS—Na 1.ª página, 1\$00; na 2.ª \$80; na 3.ª \$50; na 4.ª, \$45; na 5.ª e 6.ª 40; na 7.ª e 8.ª, bem como a publicação permanente, ajuste especial. Escritos de interesse particular, \$45. A todos acresce o imposto do selo, sendo contados pelos linótipos cp.ºs 12, 10 e 8, linha singela.

Os srs. assinantes têm o desconto de 10% nas publicações ou impressos feitos nas nossas Officinas-tipográficas.

Da eleição presidencial

"Cabe a Portugal a glória de têr a representá-lo o homem de maior elevação moral e ideal de todos os Chefes de Estado do mundo,"

Comparando a República com a Monarquia no que respeita a religião, as gazetas realistas dizem que o regimen vi gente não concede a Igreja metade das regalias que a Monarquia lhe concederá.

Edificante! Põem de parte, pois, o seu glorioso passado. Pava Couceiro também dizia há meses que a Monarquia a implantar devia ser diferente da de 910.

Mas então estamos todos de acordo.

Agora que nos digam que espécie de Monarquia fantasiam implantar. A de 1211? A do século XV? Ou a de 1830? Sim, porque a dos Braganças está proscrita por todos os portugueses.

Na exposição do Rio de Janeiro, que foi mais um pretexto para as críticas balofas dos inimigos do regimen (que em tudo vêem esbanjamentos certamente porque os seus olhos não estavam habituados a outra luz) dentre os inúmeros países que concorreram ao certame, Portugal ocupou o 3.º lugar, tendo obtido 201 *grands prix*. Só a França conseguiu 535 e a Bélgica 211. Dos restantes, a Inglaterra foi a mais premiada, obtendo apenas 110.

Informam-nos os jornais de que o proprietário da casa em que se desenrolou esse terrível drama do tri-filicídio, fez intimar o general Garcia Guerreiro para o despejo que vai intentar fundando-se em qualquer fútil pretexto. Pequenas coisas de espiritos tamanhos, que no entanto enojam!

O curioso, porém, é que o juiz que ordenou o despejo é irmão do proprietário do prédio da Rua da Escola Politécnica.

Síntese admirável de concepção e verdade, em que vive um coração que sente e um cérebro que afirma a sua veneração e o seu entusiasmo por quem sobre ocupá-lo, foi assim que uma das mais autênticas glórias do pensamento espanhol, Fernando Lusano, exprimiu a sua admiração pelo homem que então atingira as culminâncias do poder público—o Doutor Bernardino Luís Machado Guimarães. E essa eloquente consagração, revelada em carta àquelle que mais em si consubstanciava todas as qualidades combativas pela República, a França Borges, demonstrava a natureza da aceitação geral da escolha de tão prestigiosa individualidade.

Bernardino Luís Machado Guimarães, de escola superior de educação, de uma affectividade flagrante, de uma cerebração portentosa de uma profundíssima cultura e de um conhecimento o mais completo dos homens e das coisas públicas, quer internas, quer externas, servido ainda dum pulso cujo vigor lhe vem da juvenildade radiosa da sua alma de patriota, estava naturalmente indicado para ser pôsto à frente da representação nacional.

No ponto em que se encontrava a política internacional dos Estados com a Grande-Guerra, o Doutor Bernardino Machado, então presidente do Conselho de Ministros, que foi quem disse ás Câmaras a política a seguir no momento—*Portugal prima em respeitar a letra dos seus tratados* (sic)—, assumindo logo depois do primeiro período Presidencial, e já em plena conflagração europeia, a chefia da Nação, proclamava em nome da Nação portuguesa que Portugal estaria ao lado das nações aliadas, e com elas compartilharia as dores e as glórias que se sofressem ou alcançassem sobre os inimigos da paz universal, na rígida disposição de continuarmos, cavaleiros antigos, escravos do sagrado cumprimento dos nossos deveres.

E se foi ou não acertada a escolha, vê-se, não diremos já na parte da glória que nos coube na vitória final, mas na desenvoltura e firmeza com que repeliu a intromissão do gabinete inglês de Lloyd Georg, pelo seu representante, general Hardington, nas coisas de política interna, a quando do funesto movimento de 5 de Dezembro. Aí, serena e exuberantemente demonstrou o Doutor Bernardino Machado a mais lúcida compreensão dos deveres de Chefe de Estado, embora exilado, verberando em carta aberta ao primeiro ministro inglês o facto, absolutamente condenável, de o representante militar de Inglaterra junto do Ministro da Guerra de Portugal aceitar e escolher uma insurreição de caracter interna, a que devia conservar-se estranho. Ele, que fora um dos que mais pugnara pela participação e intensificação do nosso sublime esforço junto dos aliados nessa formidável hecatombe que foi a Grande-Guerra, combase na nossa aliança com a Inglaterra, chegado o momento não teve dúvidas, não vacilou em demonstrar, com a inergia que lhe é insita, que avassalagem não era próprio do brio português e que este jámais podia deixar sem reparos a attitude inconveniente e insólita dum dos seus representantes.

É este o homem que de novo se apresenta a retomar a cadeira Presidencial. E assim como tivemos a felicidade de têr na presidência da República aquele que melhor podia levar ao coração do Brasil toda a emoção da alma lusiada do ocidente, o dr. António José de Almeida, verbo inflamado em preces de patriotismo e fé nos destinos de Portugal, assim também a reeleição do Doutor Bernardino Machado se impõe para, como Chefe do Estado por-

Na apreciação da carta pontificia, as gazetas monárquicas, que falam do Papa com toda a cortezia, logo que se referem à República, só dizem: velhacaria, flagelo, useiros e vezeiros em traficâncias, etc., etc.

E' uma educação... unilateral.

Gente Nova.—Com o n.º 10, cessou a publicação desta interessante folha de Condeixa. Com mágua o registámos porque, mercê da esclarecida intelligência e do são critério do seu director, sr. António Pires Machado, e dos seus colaboradores, dentre os quais devemos salientar o distincto advogado sr. dr. António Quaresma, fino espirito humorístico e de iniciativa, a *Gente Nova* ia grangeando as simpatias do público, que só as distribue a quem na verdade as merece.

A carta pontificia dirigida por Pio XI aos bispos portugueses tem dado lugar a longos artigos, alguns dos quais seria curioso guardar para novamente se lerem daqui a alguns meses—quando desaparecer a ambiência que nos veio trazer.

Ela não nos obriga a ser republicanos, dizem os monárquicos. Mas quem foi o simples que o supôs? O que ela ordena, a bem da paz social, é a obediência aos poderes constituídos e às leis da República; o que ela diz é que devemos ser ordeiros e obedientes.

Quere-se fazer uma revolução dos ideais? Faça-se. A ninguém queremos coarctar esse direito.

Ler na 5.ª página O CRIME, de GUERRA JUNQUEIRO.

Segundo uma correspondência da Palhaça para *O Século*, uma senhora, chamada Ana Caniças, possuindo galinhas em

abundância, ao distribuir-lhes, na manhã de 29 de julho último, a primeira refeição, notou a falta de um daqueles animais. Depois de uma aturada busca foi encontrada a galinha no celeiro, quasi morta, junto dum ovo monstro, pois pesava 255 grammas, tinha de comprimento 12 centímetros e 22 de circunferência, apresentando a casca uma considerável espessura, muito consistente. Procedendo-se à análise do seu conteúdo, verificou-se que dentro deste ovo colossal havia outro que, por sua vez, continha duas gemas. Morta em seguida a galinha, foi observado que o órgão respectivo comportava já alguns ovos enormes.

Um curioso telegrama publicado por o *O Século* do dia 20: PARIS, 16 — M. G. de Jough, director do «Perlot», jornal defensor do vicio de fumar, reuniu ontem de tarde os mais fervorosos amadores do tabaco, num concurso original.

Fôram disputadas quatro provas ao ar livre, e debaixo de chuva, á esquina da rua do Faubourg-Saint-Denis e rua de Metz. Constituido o juri deste divertido campeonato, foram successivamente postas a concurso as quatro provas seguintes—velocidade em charuto, velocidade em cachimbo, velocidade em cigarro, e uma outra, a que muito bem se pôde chamar—maxima conservação de lume em cigarro.

Apezar da chuva, uma grande multidão estacionou durante duas horas em pleno Faubourg-Saint-Denis, incitando os campeões com risos e graçolas.

Um silvo estridente de apito deu o sinal de começo. Sete concorrentes, sentados num estrado, acendem immediatamente os charutos enormes que lhes fôram dados. E começa a prova.

Este, com as mãos crispadas, puxa com toda a força de seus pulmões, engasgando-se, sufocado pela fumarada. Aquele, principia mais devagar, e trabalha mecanica e regularmente, como um embolo. Est'outro, que parece ter tomado a resolução de apenas saborear um magnifico charuto, perde a partida logo de começo. Mas eis que de repente, um deles se levanta, segurando com os dedos tremulos, uma ponta miudinha—é o sr. Dessagne, que deu fim á prova num minuto e quarenta e oito segundos.

Depois dum pequeno intervalo, o organisador e o juri distribuem os cachimbos, convenientemente atafalhados, que vão servir para a segunda parte do curioso torneio.

Um novo silvo de apito. E acendem-se os cachimbos num ai. As bochechas dos fumadores incham e desincham em comicos esgares. Alguns cachimbos incendiam-se, continuando os fumadores a puchar interminavelmente as suas tremendas e rapidas fumaças. Ao cabo de cinco minutos e cincoenta e cinco segundos o sr. Frésot é proclamado vencedor e levante-se um

tuguês, visitar as cortes da Europa, nossas aliadas, completando desta forma a obra que em tão inspirado momento tão magistral e pojanamente iniciou.

Outros nomes, valorosos também sem dúvida, serão apresentados ao sufrágio. Mas sem desdouro para qualquer deles, será de certo melhor a escolha que recair no homem que presidiu á politica da Guerra, e que tanto tem vindo afirmando o seu ardente entusiasmo pela República que com a maior dedicação, a mais provada intelligência e os maiores sacrificios tem estado, e está sempre, pronto a servir.

Viva, pois, a República! Viva Bernardino Machado, para quem vai todo o nosso entusiasmo e toda a nossa fé de republicanos indefectíveis!

Instituto Etnológico da Beira

A *Época*, diário da capital, publicou no seu número de 20 de Julho findo uma entrevista que um dos seus redactores teve com o nosso prezado amigo Revd.º P.º Marques de Castilho, professor e director da Escola Normal de Viseu e Secretário perpétuo do *Instituto Etnológico da Beira*, a instâncias suas fundado, e por si pelo disvelado carinho que lhe vota constantemente engrandecido.

Dessa rápida entrevista se vê quanto vale o Instituto e qual o seu estado actual de desenvolvimento, nele se vê o que o Instituto virá a sêr já em curto prazo. E porque o Instituto representa uma prova evidente de vitalidade da intellectualidade portuguesa, mórmente da nossa região, na íntegra transcrevemos a entrevista que *A Época* publicou:

«O Acaso—esse admiravel pseudonimo de Deus, na frase lapidar de Afonso Daudet—fez com que eu num dos ultimos dias da minha estada em Vizeu, encontrasse o revd.º Padre Marques Castilho, illustre professor da Escola Normal e do Seminário, a quem havia conhecido, há boa duzia de anos, em Leiria, como colega de meu Pae, no magisterio.

Depois dum grande abraço, fixei a figura do illustre professor: cabelos todos brancos, algumas rugas... uma velhice precoce adquirida em 53 anos da vida esgotante do professorado...

O revd.º Padre Castilho começou a sua vida no magisterio fundando em Agueda um collegio, onde, sósinho, leccionava quasi todas as disciplinas do liceu a centenas de alunos. Em 1893 foi nomeado professor interino do liceu de Aveiro e cinco anos depois director e professor da Escola Normal da mesma cidade. Em 1911 foi transferido—e creio que a esta transferencia não fôram estranhos manejos politicos...—para Leiria, onde nos conhecemos.

—Já está há muito tempo em Vizeu?—perguntei.

—Desde 1913 Fui colocado na Escola Normal d'aqui, acumulando, há dois anos, essas funções com as de professor da cadeira de *Sciencias Naturaes* no Seminário, distincção com que muito me honraram a estima e amizade do venerando Prelado da diocese, a quem muito quero...

—Já sabia que v. ex.ª era professor do Seminário.

—Quem lh'o disse?

—O senhor Bispo, com quem estive esta tarde, e que ao falar-me do Seminário, se referiu a v. ex.ª com grande elogio, dizendo que v. ex.ª era um dos profes-

res que não percebia quaesquer honorarios por esse logar, atendendo ás parcas condições economicas daquele estabelecimento de ensino...

—Sim, é verdade. O Seminário vive com dificuldades e eu entendo dever de todo o bom católico auxiliá-lo...

—E a respeito de jornalismo? Já não escreve nas gazetas?...

—Nas dos outros, ás vezes... Como sabe, dirigi durante muito tempo o *Progresso de Aveiro*, o que me acarretou profundos dissabores, mercê de questões politicas locais que então eram temíveis...

E desviámos o rumo da conversa.

—Sabe—fiz eu—que li há dias nos jornaes referencias muito amáveis a uns trabalhos seus sobre Filologia?...

—São trabalhos sem valor... Trata-se de *onomastica* regional.

—Fica-lhe bem a modestia... Eu sei, porém, que esse seu estudo, acompanhado por vezes de interessantes conferencias, tem sido tão apreciado, que é por ele que V. Ex.ª entrou para a *Sociedade de Geografia, Academia de Sciencias de Portugal, Associação dos Arqueologos, Instituto Historico do Minho*, etc...

—Tudo isso são favores de amigos—respondeu o meu entrevistado.

—E não fundou V. Ex.ª, em Vizeu, o *Instituto Etnologico da Beira*?

—Está mal informado. Os fundadores foram os drs. Maximiano de Aragão, José Julio Cesar, José Coelho e Hipolito Maia, Moura Coutinho, Almeida Moreira e Almeida e Silva...

—Mas de quem partiu a iniciativa?

pouco «groggy», ruidosamente aplaudido por todo o publico divertidissimo.

E assim continua o concurso, entre risos e galhofas, emquanto a chuva impertinente cae.

Mas de verdade, e não com insultos e revoluçõeszinhas que só encargos e desassocego trazem para Portugal.

Tudo depende, pois, de terem força, e esta tê-la-ão... quando tiverem razão:

NORAS DE FERRO

com alcafruzes de ferro zin-

cado

José F. de Almeida & Filhos, Ltd.
Albergaria-a-Velha

Notas de carteira

fazem anos:

Hoje, a sr.ª D. Aurora Pinto Basto.

Amanhan, a sr.ª D. Amélia Marques Pinto da Fonseca.

Além, as sr.ªs D. Maria José Romão Nogueira, D. Carlota da Silva Rosa, e o sr. dr. Artur da Costa Souza Pinto Basto.

Depois, as sr.ªs D. Maria da Arrábida de Vilhena Ferreira, D. Olímpia Teixeira da Costa Medeiros Botelho e D. Beatriz dos Santos Monteiro.

Em 8, José da Fonseca Ribeiro.
Em 9, a sr.ª D. Maria José Coelho da Mota Prego, e o sr. Visconde do Amal.

Em 10, a sr. D. Iréne Teixeira da Costa.

Veraneando:

Com sua familia, seguiu para a praia da Barra, o sr. dr. José Maria Soares.

◆ Daquela praia, regressou a Aveiro, com sua familia, o sr. Alfredo Osório.

◆ Com sua esposa e filhinho, encontra-se no Farol o sr. dr. Fernando Nunes da Silva, distincto clinico em Caia.

◆ Com sua esposa e filhas, seguiu para Espinho o sr. Adolfo Ramos, director do Banco de Portugal em Aveiro.

Visitantes:

Acompanhando seu sobrinho, o menino Manuel Joaquim Teixeira Ruela, tem estado entre nós o sr. Augusto Ruela, director da Agricola de Santo Tirso.

◆ De passagem para Lisboa, esteve em Aveiro o sr. dr. Manuel Nunes da Silva, Meret.º Jufz da Relação de Lisboa, e inspector judicial.

Viajeiros:

Encontra-se em Vagos com sua familia o sr. dr. António Maria Mendes Correia.

◆ Em serviço judicial, esteve em Aveiro o sr. dr. Guilherme Souto Alves, hábil advogado em Estarreja.

◆ Com o fim de completar o seu tirocinio para o posto immediato, seguiu para Mafra o alferes de infantaria n.º 24, sr. José Pinto da Costa Monteiro.

◆ Para Montemor-o Velho, seguiu o sr. Manuel Pinto Perfeito.

Enfermos:

Na sua casa em Ovar, tem estado doente, com uma infecção num pé, a esposa da nosso prezado amigo sr. Belmiro Ernesto Duarte Silva.

◆ Tem estado doente em Ilhavo a Sr.ª D. Maria Henriqueta da Maia Alcororado Cerveira.

◆ Em Santo Tirso, tem estado também doente a Sr.ª D. Maria Vera Teixeira Ruela.

Gente nova:

Com muita felicidade, deu á luz uma robusta creança do sexo femini-

no a Sr.^a D. Natália Regala de Mendonça Calado, esposa do nosso amigo sr. João Calado.

Tenente-coronel Maia Magalhães

Foi há pouco nomeado Chefe do gabinete do Ministério da Guerra o nosso querido amigo e ilustre conterrâneo, sr. Tenente-coronel Maia Magalhães.

Folgámos muito sinceramente com esta nomeação, que é mais um acto de justiça prestada a um ilustre filho de Aveiro, a quem a Pátria e a República devem relevantes serviços.

Novas edições

Selecta de textos arcaicos e medievais

Pelo dr. José Pereira Tavares

Referimo-nos, num dos últimos números, a esta nova produção histórico-literária do ilustre professor do Liceu Vasco da Gama (Aveiro), sr. dr. José Pereira Tavares. Ligeiramente o fizemos, e muito propositadamente, porque, sabendo de antemão que a *Selecta* é um bom livro (garantia-no-lo o nome do seu autor), nela própria queríamos colher, folheando-a, elementos com que pudéssemos um pouco mais à vontade apreciá-la.

Seguindo o método preconizado pelo dr. Fidelino de Figueiredo, o sr. dr. José Tavares distingue na história da literatura portuguesa três eras: medieval, clássica e romântica. Ao estudo da primeira se desvina a *Selecta*, em que antes, logicamente e como iniciação racional e necessária, aprecia a nossa literatura proto-histórica, dando-nos numerosos textos explicados em múltiplas notas e indicações bibliográficas, que ilucidam e despertam nos «amadores» o gosto pelos documentos antigos, para eles quasi ininterpretáveis, e que para os estudiosos representam um guia seguro.

A *Selecta* não é simplesmente, e como poderia supôr-se, uma antologia em que um pachorrenco erudito se entretivesse a coleccionar, catalogadamente, trechos de prosa e verso. Nas introduções, notas e apêndices, constitui um estudo aturado e cuidado, meticoloso e profundo, feito com a naturalidade dum bom professor que sabe interessar os alunos, dos primórdios da nossa história literária.

Essa emaranhada, labiríntica era medieval, tão cheia de lacunas, está ali explicada quanto o estado actual da ciência o permite. Os primeiros documentos da literatura portuguesa, alguns apopléticamente massudos, todos repletos de termos hodiernamente ineufónicos, e cuja leitura implicava a consulta constante de volumosos dicionários que raro os contêm, aparecem na *Selecta*, mercê das notas explicativas e dos exemplos vários de arcaísmos, com beleza, primitiva embora, despertando curiosidade, atraindo os nossos olhos, ocupando agradavelmente a nossa atenção. E só com agrado, com vontade se deve estudar, para que algo de proveitoso se consiga.

Um literato, compulsando-a, estudando-a, tem de afirmar que a *Selecta* é, como as outras obras do sr. dr. José Tavares, a consagração do seu espirito de trabalhador e de professor. Como alunos ou como estudiosos, teríamos de dizer que este novo livro do sr. dr. José Tavares se tornava absolutamente necessário exactamente como está, isto é, realizando a satisfação dum necessidade intelectual do homem em face do estado de civilização das sociedades modernas.

A *Selecta de textos arcaicos e medievais* é edição da «Livraria Char-dron, de Lelo & Irmão» (Porto).

— Talvez de mim...

— E tem muitos socios o Instituto?

— Muitos. Dele fazem parte as melhores intellectualidades da Beira, de fóra da Beira e até de fóra do paiz: — poetas, escriptores, jornalistas, professores, médicos, advogados, linhagistas, arqueólogos, investigadores...

— E é difficil a vida do Instituto?

— Não, senhor. Nenhum de nós se poupa a sacrificios de dinheiro e de trabalho. E a desconfiança... ha-de ir desaparecendo com o tempo. Má vontade, invejosos, maus, gente incapaz de perceber um gesto nobre, rasgado e de larga iniciativa, houve-os sempre. Isso, porém, não nos fará arripiar caminho, porque, temos a estima e o respeito da gente boa, inteligente e honesta, que faz justiça ás nossas intenções.

«Isso nos basta.

E... depois duma pequena pausa:

— V. Ex.^a é o secretário perpetuo do Instituto, não é verdade?

— Isso é apenas um titulo honorifico com que a requintada amabilidade dos meus colegas e da Academia de Sciencias de Portugal de que o Instituto é uma dependencia, me quizeram honrar.

«Secretário, sou: perpetuo... temos conversado. Outro mais competente me substituirá em breve.

— Mas... tornei eu—confia V. Ex.^a nos destinos e no futuro do Instituto?

— Confio plenamente. Ele não pôde nem deve desaparecer. Nós, os velhos, deixamos nele um legado de brio e honra aos novos, que hão-de melhora-lo e engrandecê-lo.

«O beirão é inteligente e honesto e comprehende o valor e o alcance moral desta instituição, que tanto nos custou a crear. Tenho a certeza disso...

«Na nossa bandeira e no nosso emblema inscrevemos a legenda: *Talent de bien faire*, e daqui não saímos, custe o que custar...

E... falámos da obra já realisada pelo Instituto.

— Como vê—diz o revd.^o Padre Marques Castilho—o Instituto propõe se realizar uma obra de estudo sobre a interessante região da Beira, tornando assim conhecidas as suas belezas naturaes, os seus monumentos, a sua historia, a sua tradição gloriosa, onde se encontram vestigios de varias civilizações, etc., etc.

— E', por tanto, uma obra de caracter regional...

— Exactamente: de estudo etnografico, historico, arqueologico,

etc., da região da Beira.

— E essas conferencias que o Instituto tem realisado?

— São interessantes manifestações de vida geral, sob variados aspectos.

— Teem-se realisado muitas conferencias?

— Muitas. Quer o nome de alguns dos conferentes?

— Quero, sim...

— Pois tome nota: Nunes Pompilio, Maximiano Aragão, Bernardes de Miranda, dr. Aristides Girão, D. Alvaro Las Casas, dr. Mendes Correia, dr. Anselmo Ferraz de Carvalho e realisa agora a sua conferencia o grande dr. Gomes Teixeira... (*Esta conferencia realisou se no dia 7 do corrente, dias depois desta entrevista*).

— E no proximo ano academico?

— Esperamos ouvir Leonardo Coimbra, Eugenio de Castro, Carlos de Passos, e outros...

Uma pergunta de jornalista:

— Tem o Instituto alguma *Revista* onde publique os trabalhos dos socios?

— Não a temos ainda por falta de recursos, mas tratamos de a fundar.

E conclue:

— Veja: todas as despesas são pagas á custa de pequenas quotas dos socios. Gosávamos a principio da isenção de franquia postal, mas até essa nos foi suprimida, agravando assim os nossos encargos...

Estava terminada a entrevista, porque o revd.^o Padre Marques Castilho não podia dispôr de mais tempo, ocupado como estava nos trabalhos da recepção ao sabio matematico dr. Gomes Teixeira, que, dentro de dias, havia de realizar a sua bela conferencia.

E... só agora, vinte dias depois do meu encontro com o ilustre secretário perpetuo do Instituto Etnologico da Beira eu posso dar publicidade a esta entrevista, porque trabalhos urgentes do meu jornal me obrigaram a sair de Lisboa.

A proposito:

Encontrando ha poucos dias o dr. José Julio Cesar, trocámos algumas palavras sobre o Instituto. José Julio Cesar falou-me da magistral conferencia do dr. Gomes Teixeira, o qual disse ter representado um verdadeiro triumpho para o Instituto.

Vizeu—a bela e hospitaleira cidade da Beira—recebeu o sabio ilustre com tal carinho e taes honras, que o levaram a dizer que *nunca tinha sido recebido, em Portugal e no estrangeiro, como fôra em Vizeu.*

Prensas para bagaço

Com lagareta de madeira, cinchos, etc.

José F. de Almeida & Filhos, Ltd.
Albergaria-a-Velha

Joaquim Simões Peixinho

Advogado

Mudou o seu escriptorio para a Rua das Barcas

Diversas

Apareceu há dias em Lisboa um manifesto do pessoal da C. P. em que se annunciavam reuniões e assembleias-magnas onde se tratará da difficil situação da classe. Esta precária situação pôde ser melhorada, diz o manifesto, se o Governo consentir no aumento das sobretaxas das tarifas pedido pela C. P.

De forma que a Companhia Portuguesa, que este ano, descoberta a habilidade das duas escritas (uma inteiramente verdadeira, para a Companhia, e outra, diminuída conforme o preciso para o Estado), teve de entregar ao Estado os lucros que ultrapassavam o que de direito pôde auferir, a Companhia Portuguesa que tem, portanto, lucros maiores do que a lei lhe consente, pede ao Governo licença para um novo aumento de tarifas.

E' original e edificante!

Não se deve criticar, porém, quando unicamente se necessita da terapêutica. Não devemos, pois, neste momento, demonstrar com a facilidade que vem dos factos, não só que o Governo não pôde consentir o novo aumento, como também a sem razão do pedido da Companhia. O que devemos fazer é procurar o meio de debellar o mal que começa a apresentar-se latente.

Que o Governo não permitirá o aumento, é indubitável. Se o Governo o não consente, a Companhia não dará aos seus empregados a melhora que eles pedem, não discutimos se com se sem razão. Se a Companhia lhes não dá a melhora que pedem, então teremos, com certeza teremos uma nova greve, com todas as consequências funestas que uma greve dessas traz para a vitalidade do país.

O que há, pois, a fazer? pouca coisa, em nossa opinião. Se a situação dos ferroviários é realmente má, a Companhia comete um crime não a melhorando, e nesse caso, obrigue-se a Companhia a fazer o que pôde e deve fazer; se a situação dos ferroviários não é como eles apresentam, então é mobilizá-los.

Para grandes males, gran-

Homens e datas--Paisagens e monumentos--Jornais e livros (Bibliografia)--Documentos--Notícias de Aveiro e seu districto

XXVII

Bibliografia

Camara Municipal de Ilhavo. Illium série de subsidios para a historia de Ilhavo. I Um projecto de brazão d'armas concelhio por Antonio Gomes da Rocha Madail, Coimbra, Grafica Conimbricense, Limitada 1922.—4.º 56 pag.

XXI

«Estas confrarias não eram, como já disse, legalmente erectas. Numa das oitavas do Natal, depois da missa conventual, o Prior e o Juiz da Igreja, entidade á qual competiam, pouco mais ou menos, as atribuições das juntas de parochia, no que respeita a administração da Igreja, chamavam quatro pessoas das que se achavam na Igreja, e assentadas em volta de uma mesa collocada ao Arco Cruzeiro, nomeavam os mordomos das diferentes confrarias, pela maior parte por indicação dos que findavam. Só para a de Santo Antonio da Coitada havia muitos oferecidos, quasi todos pescadores.

As do Santissimo e Nossa Senhora do Pranto eram servidas por lavradores, das principais familias, que uns aos outros se revessavam; e como os fóros destas confrarias eram, na sua maioria, impostos em predios pertencentes a esses lavradores, estes iam fazendo aos amigos e parentes redução nos fóros, os quaes se achavam consideravelmente diminuidos, além dos que havia anos que se não cobravam. A providoria aprovava sempre as contas, cuja apresentação era exigida não para se exercer a devida fiscalisação nas receitas e despesas, mas sómente para a cobrança dos respectivos emolumentos. E como não havia espirito de corporação, não havia tambem quem fiscalisasse, nem até quem se occupasse nos desleixos e desvios que cada vez mais iam sofrendo as dotações das confrarias, e os que as serviam, findo o seu ano, ficavam completamente estranhos a estes estabelecimentos, como eram antes de os servirem.

Foi em 1814 que algumas pessoas, as quaes este estado de cousas desagradava ao ponto de pensarem e praticarem sobre os meios de lhe pôr termo, que se resolveu quebrar a corrente tradicional da eleição das confrarias do Santissimo e Senhora do Pranto, elegendo-se para cada uma um mordomo estranho á classe agrícola. Trata-se de fazer opinião para o fim de estabelecer e fundar duas irmandades do Santissimo e Almas e de Nossa Senhora do Pranto, com estatutos legalmente aprovados e com irmãos

incorporados. Fez-se peditório de esmolas, procedeu-se ao exame de todos os titulos antigos para verificação de fóros que se achavam por cobrar, ou ilegalmente reduzidos, mas como os emfiteutas, uns por ignorancia, outros por malicia, não declaravam os predios em que eram impostos, teve A. Tomaz Pedro de Mendonça um dos membros da 1.ª mesa do Santissimo, o laboriosissimo trabalho de examinar os livros de notas dos cartórios e os inventarios antigos para descobrir, como conseguiu descobrir todos os predios foreiros e quaes os fóros respectivos. Todos fóram assegurados por novos reconhecimentos e desde então entraram estes estabelecimentos em ordem e regular administração fornecendo os respectivos rendimentos os meios necessarios para os seus encargos, datando dessa época fazerem-se as solenidades religiosas com muita mais decencia e aparato.

Foi tambem desde esse ano que começou a tratar de acordo entre a Mesa da Confraria do Santissimo, e a Junta de Parochia de fazer essa Igreja, obras indispensaveis e urgentes, de adquirir trastes, paramentos necessarios para o culto, dos quaes havia uma falta deploravel.

E por meio dos rendimentos proprios, de esmolas e donativos e enfim duma derrama lançada pela Junta de Parochia, reformouse o madeiramento da Igreja na parte que fica entre as torres, ou sob o côro, o qual se achava tão deteriorado que quando se deu pelo seu estado foi mister escorralo; virou-se o telhado todo; fez-se na capela do Santissimo trabalho que importou em mais um conto de reis, tal era o lastimoso estado em que se achava, além de varias outras obras, como solhar sacristias, retalha-las, etc.

Em seguida comprou-se palio, paramentos, cruces e outros muitos objectos até que a Igreja ficou provida das alfaias, utensilios necessarios, para o uso quotidiano, e para as festividades, cessando a necessidade de pedir tudo emprestado ou alugado, como até então se fazia.

Para estes resultados concorreram especialmente as diligencias e trabalhos do sobredito Antonio Tomaz Pereira de Mendonça, o dr. José A. Pereira Bilhano, depois Arcebispo de Evora, e José F. da Cunha e Souza.

A freguezia do Salvador de Ilhavo era composta até 1855 das mesmas povoações de que hoje se acha formada, menos a parte da Gafanha que ora lhe pertence, o Forte da Barra e a Costa Nova do Prado, as quaes lhe tôram anexadas.

Sendo desmembradas as duas primeiras da freguezia e concelho de Vagos e a ultima da freguezia e concelho de Ovar.

São as seguintes: a Vila de

Ilhavo e os logares de Alqueidão, Lagoa e Casal, Coutada, Corgo-Comum, que por corrupção chamam Corgo do Mum, Ribas da Picheleira, Legoa, Pres a Montes, Moutinhos, Vale de Ilhavo — de Cima e de Baixo, — parte do logar das Quintas, Ermida, Praça da Ermida, Boa-Vista, Soalhal, Quinta do Bispo, hoje Vista Alegre, Ribas Altas, Cavalheira e Chousa-Velha.

Os três primeiros logares embora fôsem um prolongamento da Vila, eram considerados para os efeitos judiciaes e de administração municipal como povoações separadas dela; e só em 1835 por um acto da municipalidade passaram a fazer parte da Vila de direito, como já o eram de facto são 34 os da Ermida e seguintes, exceptuando a Chousa-Velha constituíam um julgado separado — o pequeno Couto da Vila da Ermida.

Limitada, a sul, por uma recta tirada na direcção do nascente — ponte da Foz da Ribeira dos Cardaes até ao mar, linha esta que no seu prolongamento limita, além da Gafanha a ria da Barra-Velha ou rio de baixo e as areas do litoral, entre as freguezias e concelhos de Ilhavo e Vagos.

A Gafanha

Dá-se este nome á península, que unida pelo sul ao concelho de Mira, se estende para norte até á Calle da Villa por entre os dois braços da ria — o rio de Vagos ou do Bóco, a nascente, e o da Barra-Velha a poente. Areal, que no século passado era inteiramente despovoado, na maior parte do qual altas dunas (lombas) de areia se formavam e deixariam á mercê dos ventos, recebeu provavelmente este nome de ser para ali que outrora deportavam os Gatos ou leprosos, começando na segunda metade do dito século a crear e a encrustar (encrustar) pelo poente ao longo da ria da Barra Velha, numa faixa que pouco e pouco se foi alargando e produzindo pastos aproveitados para alimentação de gado cavalgar e lançero, de carneiros. A Câmara de Vagos repartiu pelos moradores essa facha de terreno, parte do qual era já considerado como susceptivel da cultura; porém só dois dos contemplados na divisão aproveitaram as suas glebas, desprezando-as os demais, ou por se contentarem com os lucros dos gados que em comum ali traziam, ou porque a distancia a que esses terrenos ficavam de seus domicilios lhes tornava difficil e dispendiosa a cultura delles e a guarda dos fructos. De fórma que no primeiro quartel do presente século, desde o Forte e paredão da barra até á costa de Mira, havia apenas dois moradores — Joana Gramata no sitio de Mata-Feijão, defronte da Costa Nova e Luísa Domingues

viuva, no logar hoje chamado dos Cazeiros, no Casal então chamado a Casa do Luís ou Quinta de Luísa Clementina, o mais antigo da Gafanha. Ao mesmo tempo algumas familias se foram estabelecendo na ponta da península, á Cale da Vila, e ali se contavam apenas cinco fôgos em 1780; mas por este lado, as comunicações com a Barra durante as obras para a sua abertura e depois de conseguida esta, e o facto da mais pronta fixação do terreno por isso que o norte, vento dominante, move as areias constantemente para sul, cresceu a população com mais rapidez, ao contrario do que sucedia na orla de terreno que do paredão decorre para o sul.

O que não obstante, tem crescido a população da Gafanha admiravelmente e se no principio deste século não havia ali mais de 30 ou 40 moradores, hoje contam-se alguns 500 fôgos em toda a orla do seu litoral e não só na parte poente como tambem já na do nascente até defronte da Vista Alegre, tendendo a aumentar ainda muito.

As estatisticas.

() Forte da Barra pertencia a Vagos, como a Gafanha, por que o braço da ria (Barra-Velha) em razão de ser por ela que se fazia a comunicação fluvial do centro da ria de Aveiro, ou do ancoradouro com a Barra, quando esta se achava proxima da Costa de Mira, passava a poente do mesmo Forte que assim ficava unido á Gafanha, enquanto que desde a abertura da nova Barra passa o dito braço da ria pelo nascente, isolando o Forte da Gafanha.

A Costa Nova não é propriamente uma povoação, mas um agregado de palheiros habitados durante o estio e outono por uma parte da população de Ilhavo e de outras terras proximas, composta principalmente dos pescadores de Ilhavo, cujas companhas ali trabalham naquela metade do ano sómente, porque a costa não é praticavel no inverno; e tambem de mercanteis (compradores do pescado para revender) — das familias que ali vão fazer uso de banhos de mar, — e dos que durante aquele periodo ali se estabelecem com fornos de cozer pão, tabernas, mercearias, botéquins e hospedarias.

(Palheiros.) — Dão este nome aos armazens e casas construidas tanto nesta como nas demais costas deste litoral, em razão, talvez, de terem sido de palha, junco ou tabua as que em tempos remotos nelas construíram.

Marques Gomes

des remédios. Um Governo que tenha força pôde conseguir-lo, porque não é, positivamente, pelas imposições de algumas centenas de empregados ou pelas ambições de algumas dúzias de accionistas de Companhia que se há-de consentir na expoliação de alguns milhões de pessoas.

Na forma do costume, parece que ainda este ano voltam a sêr requisitados da banda do 24 (Aveiro), alguns músicos, que irão completar a banda da Figueira da Foz, ansiosa por criar à volta dos banhistas espanhóis uma esfera de delícias. Quere dizer, um mestre está durante um ano, com um trabalho insano, a preparar músicos, mas chegam os meses de férias e os outros mestres, que nada fizeram durante todo esse ano, vêm gosar as canseiras daqueles seus colegas que trabalham.

Póde sêr isto? Não.

Bom será, pois, e justo, que o sr. General Comandante da Divisão não nos tire a nós aquilo a que temos direito para o dar a quem o não merece, e que o sr. Ministro da Guerra ponha cobro a factos destes, que não são sérios. O seu a seu dono.

NÃO PINTÉ

as suas casas
sem se lembrar que

1 k.º de MURALINÉ cobre
20 a 25 metros²

é lavavel, e de um custo 10 vezes inferior ás pinturas de Oleo

Lindos trabalhos de Decoração Exterior

MÁRIO COSTA & C.ª, L.ª DA

Porto—R. do Almada, 30, 1.º

Lisboa—R. das Pedras Negras, 24, 1.º

Aniversários

“Voz de Agueda,”

Entrou há dias no seu 2.º ano de publicação o nosso prezado colega *Voz de Agueda*, que no visinho concelho de Agueda tanto tem lutado pela

República, dignificando-o e honrando o parido a que pertence.

Ao nosso prezado colega, e especialmente ao seu director, sr. dr. João Elísio Ferreira Suncena, as nossos mais efusivas saudações.

Pela Câmara de Setúbal

A par de gente trabalhadora e proba, e tentando omogeneizar-se com ela sem que felizmente o consigam, aparecem sempre creaturas que parece só viverem da intriga e do ódio, sentimentos que nascem, certamente, de invejas refeces e mesquinhas. São escalruchos da sociedade, que seria boa se eles a não envenenassem.

Em Setúbal, tão linda e tão desenvolvida que nos consente a afirmação de que é uma terra privilegiada, começou há tempos um desses energúmenos a estender os seus tentáculos, traçoeiros como os da *pieuvre*, pensando esmagar quem em Setúbal é querido duma forma que nos orgulha—o st. dr. Adriano de Vilhena, que há anos exerce ali a advocacia e o notariado.

No que o ódio do homúnculo deu, diz-nos o nosso prezado colega *O Setubalense*, nos seguintes períodos, que muito gostosamente registámos:

Somos informados de que o Tribunal Administrativo de Lisboa já ordenou a suspensão do concurso que a Câmara Municipal d'este concelho abriu para o logar de um advogado privativo, e da anterior deliberação que considerou ilegal a nomeação, feita há anos para o referido logar, do advogado d'esta comarca, sr. r. Adriano de Vilhena, tendo já sido intimada essa suspensão.

Esta decisão foi tomada em virtu-

N.º 10 CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS 4-8-923

Lugares selectos

O CRIME

II

A propósito do assassinato do alferes Brito da Musa em Férias de Guerra Junqueiro

A aurora desfraldara o pavilhão radioso
No firmamento azul. Tu foste pela estrada.
Cantando uma canção alegre e debochada,
Como um ebrio que sae á noite da espelunca.
O meu olhar hostil não te largava nunca;
Trespassava-te a alma assim como um punhal.
E saltando um rugido estúpido, brutal,
Exclamaste: «Pois bem! hei de afogar-te em vinho!»
E entrando na taberna á beira do caminho
Enguliste d'um trago um copo d'aguardente.
Em vão! o meu olhar inexoravelmente
Ardia como a luz por entre a nevoa escura.
Bebeste até cair na noite da loucura,
Nas surdas espiras dos mornos pesadellos.
Eu agarrei em ti preso pelos cabellos
E levei-te de rasto, allucinado, exangue,
Mesmo ao sitio do crime. Havia um mar de sangue
E um mar de escuridão. Ao ver-te aproximar
O morto silencioso ergueu-se de vagar
E começou a rir. Fallavam em segredo
Na treva os espíes. Os braços do arvoredo
Apontavam-te. E a face escura da montanha
Olhava para ti d'uma maneira estranha...
Contracias-te em balde em convulsões mortaes,
Bradavas, e a tua voz—gritos, gemidos, ais—
Morria na amplidão caliginosa e trágica.
A noite do remorso é uma lanterna magica

Cheia de aparições febris, ensanguentadas.
O morto contiuvava a tir ás gargalhadas.
Cahia sobre ti, dura como o gratinho,
A terrível mudez opaca do infinito.
Tentando um grande esforço herculeo, sobrehumano,
Despertaste; e ao chir do turbilhão insano
Viste-me junto de ti como me vês agora.
Nunca mais te larguei desde esse tempo. Embora
Tu procures o vinho, o esquecimento, a orgia,
Na maior embriaguez, na noite mais sombria
Eu vejo claramente o sangue da innocencia.
É como o olhar dum tigre o olhar da consciencia.—

IV

É este o julgamento e é este o tribunal.
Reside dentro em nós toda a sanção penal:
o crime e o remorso, a causa com o effeito.
A sociedade tem um unico direito:
Exigir do assassino uma reparação;
Eduquem-no: é meter a escola na prisão.
Transformem esse monstro em ser intelligente.
Façam-no livre, isto é, façam-no consciente.
Consciencia quer dizer responsabilidade;
Um assassino verga os ferros d'uma grade,
Mas não póde vergar a consciencia austera.
Introduzi a luz no craneo d'essa fera.
O instincto é uma toupeira escura que não ve;
Em logar de grilheta a carta do abc,
E em logar da enxovia immunda uma officina.
É como se castiga um homem que assassina:
Tornando-o bom. Depois a sua consciencia
Lhe dirá:

«Derramando o sangue da innocencia,
«Matando o teu igual, matando o teu irmão,
«Fizeste desandar a civilização
«Dois passos para traz. Violaste as leis moraes,
«Enche-te de vergonha o nome de teus paes
«E cobriste de lucto uma familia inteira.
«A fera é menos vil e é menos carniceira.
«Existe para ti unicamente a aurora

«Da contricção. Roubaste uma existencia; ag-ra
«Precisas salvar dez. Caminha ao ve.to e á chival
«Socorre o nú, ajuda o fraco, ampara a viuva.
«Onde a miseria esteja, ahí debes estar.
«Ha um naufrago em risco? é atirar-s-te ao mar.
«Vês um homem no chão a combater? defende-o.
«Ha alguém que agonise entre os clarões do incendio?
«Não tenhas medo, vae por entre o fumo e as ruzas;
«A coragem é leve, e a abnegação tem azas.
«Pertences d'hoje em diante ao sacrificio, á dor,
«Para salvar alguém, seja esse alguém quem for,
«Vence tudo; supprime as horas e as distancias.
«Ha guerra? o teu logar está nas ambulancias.
«Ha uma inundação, ha uma epidemia?
«Quero te ver a ti velando noite e dia
«Ao pé do moibundo: é como se destroe
«O crime; o salteador mata-se com o heroe.
«A virtude contém a purificação
«Do assassino; o diamante é feito de carvão.
«Do abismo rompe a flor, das trevas a manhã:
«N'um ladrão póde haver um santo—João Valjean.
«Banhaste-te no sangue? é afogar-te em luz.
«Depois de ser Cain, precisas ser Jesus.»

V

E a isto respondeis:—Declamações, theorias!
Coisas sentimentaes para fazer poesias,
Tropos para excitar os nervos das mulheres!
Eis o caso: um soldado assassinou o alferes;
Ha uma lei que castiga o crime: é applical-a;
Fecha-se esta questão com este ponto—a bala.
É horroroso, é atroz, é ba: baro, é cruel.
Mas para dominar as tropas n'um quartel,
Para manter illesa e rija a disciplina,
Necessita falar a boca da clavina
De quando em quando. O mais é tudo uma illusão...
É preciso encarar as coisas como são
Na realidade: O povo é a creença eterna;
Quem lhe bate melhor é quem melhor governa.
(Termina no próximo número.)

CHAPEUS

Para senhora

e creança

LINDOS MODELOS e copias. Cascos, sédas e guarnições.

Rizira Pinheiro Cheves

AVEIRO

Rua Coimbra n.º 9

RAVL DEFEIRA & CA. LIMA
OVP. IVES-NOA. HEILOS



**JOLAS, PRATAS,
FILIGRINAS.**
RUA 31 DE JANEIRO, N.º 53
PORTO

de do recurso levado pelo advogado sr. dr. Adriano de Vilhena, a quem sinceramente felicitamos pela justiça que lhe foi feita.

Sabemos que o sr. dr. Leão Duarte, atingido pelas mesmas deliberações, já também contra elas recorreu.

Movimento local

Escola Primária-Superior de Aveiro. — Foi o seguinte o resultado dos exames finais neste modelar estabelecimento de ensino:

Abel Pedro de Sousa Júnior, 12 valores; Angela da Conceição Estima, 15; Caridade Espanha de Rezende, 12; Conceição de Jesus Bilelo, 10; Edviges de Melo, 11; Estrela Pinharanda, 12; Idalina Ferreira, 12; Irene de Andrade Costa, 10; Isabel Mateus Ferreira, 12; João de Pinho, 15; João da Naia Velinho, 12; Julieta dos Reis, 11; La-Salette da Conceição Rocha, 12; Maria do Carmo Seabra, 12; Maria Eduarda Miles de Magalhães, 15; Maria de Oliveira e Sousa, 10; Maria da Piedade Mendes, 12; Maria Sucena e Graça, 11; Mercêdes de Oliveira Biu; 13; Rosa Borges de Boralho, 15; Rosinda da Fonseca Paia, 11; Verónica de La-Salette Correia, 11; Carmelina de Tás-cara e Lobo, 14 e Emilia Simões de Lemos, 13.

Foram excluídos 15, e perderam o ano por faltas, 5.

Excursão Viana-Aveiro. — Reuniu-se ontem, na sala nobre do Clube dos Galitos, a Comissão das festas a realizar no próximo dia 12, para a aprovação do programa com que Aveiro vai receber os vianenses. Podemos, por isso, dar hoje aos nossos leitores um *abstractum* desses festejos, de si já brilhantes, e que nós, aveirenses, no sagrado cumprimento dum dever de hospitalidade e de gratidão, sem dúvida tornaremos carinhoso e digno dos ilustre visitantes e de nós próprios.

Dia 12

13 horas — Chegada dos excursionistas à estação. Cumprimentos na gare e organização do cortejo, em que tomam parte todas as entidades oficiais, clubes,

associações, academia e bandas de música, com os respectivos estandartes, e que, pelas ruas Cândido dos Reis, Carmo, Gravito, Manuel Firmino, José Estevam, Entre-Pontes, Coimbra e Praça da República fará as visitas oficiais à Camara Municipal e Clube dos Galitos.

A guarda de honra nos Paços do Conselho é feita pelos «Bombeiros Voluntários de Aveiro» e «Companhia de S. Pública Guilherme G. Fernandes.»

17,30 horas — Desafio de *football*, no Campo do Cojo, entre os 1.ºs grupos de «Viana Taurino Clube» e «Clube dos Galitos».

20 horas — Concerto pela Banda do Regimento de Infantaria 24, na Praça da República, que estará profusamente iluminada e engalanada.

21 horas — Espectáculo no Teatro-aveirense com o auto-pastoril em 3 actos *Feiticeira de Fraga*, original do ilustre vianense Salvareno. Neste espectáculo tomam parte amadores da mais distincta sociedade de Viana do Castelo.

23 horas — Iluminação do Canal da Ria, desde a fachada do Clube dos Galitos até à ponte da Dobadoura. Concurso de bateirinhas ornamentadas e iluminadas. Na Praça do Comércio e Largo do Rossio, as bandas «Amizade» e «José Estevam» executarão trechos dos seus selectos reportórios. Da Ponte da Dobadoura, será lançado um vistoso fogo de artifício.

Dia 13

9 horas — Passeio fluvial à Ilha do Sama. Nas lanchas da Capitania, irão as autoridades e clubes visitantes e locais, e em bateiras, rebocadas por uma traineira, os excursionistas.

12 horas — Chegada dos excursionistas do passeio fluvial.

16 horas — Concentração dos excursionistas no Clube dos Galitos, para daí seguirem para a estação, onde se efectuará a despedida.

Pensaram-se e combinaram-

-se ainda outros números, que não podemos anunciar por constituírem surpresas.

A Direcção do Clube dos Galitos, organizadora destas festas que tanto nome e lustre dão à nossa terra, e que tem sido verdadeiramente incansável, bem como a Comissão dos festejos pede a todos os aveirenses que nas ruas por onde o cortejo pás-sa façam pender das janelas colgaduras, e que sobre os excursionistas se lancem pétalas de flores na maior quantidade possível.

Nada do que façamos, repetimos, será tanto como o que os vianenses nos têm feito a nós. Que todas as camadas sociais primem em demonstrar aos ilustres visitantes que foi interpretando os sentimentos de todos os aveirenses que o Clube dos Galitos organizou esta excursão. Que eles daqui vão com a certeza de que a sua visita foi uma festa da cidade.

Exposição. — Com uma concorrência verdadeiramente extraordinária encerrou-se domingo, 22, deixando as melhores impressões a Exposição Districtal, bem dizendo todos a grande obra da Direcção da Associação Commercial e Industrial de Aveiro, pois outra cousa não foi o brilhantíssimo certamen, que há-de marcar época nos annos da nossa terra.

Para os que não viram, e bem assim para os que a visitaram ou a ela concorreram com os productos das suas fábricas ou com as relíquias do seu passado artístico, preparam os seus beneméritos promotores uma agradávelíssima surpresa: a publicação imediata dum Catalogo profusamente illustrado com semile-gravuras, cópia de belas fotografias do distincto fotógrafo amator sr. Ferreira de Abreu, e prefaciado por quem há cincoenta anos estuda e vem publicando em jornais e livros tudo o que diz respeito a cousas e homens do passado e presente da região.

Será essa publicação a apo-

teose dos serviços e canseiras da benemérita direcção ou seja dos srs. dr. José Maria Soares, presidente; António Marques da Cunha, tesoureiro; Manuel Rodrigues da Paula Graça e Manuel Pedro da Conceição, vogaes, e Manuel Ferreira dos Santos, secretário.

Juramento de bandeiras em cavalaria 8

Realizou-se no passado domingo, no quartel do Regimento de cavalaria n.º 8, o juramento de Bandeiras dos recrutas daquele regimento.

Ao acto veio assistir o General Comandante da 5.ª Divisão, sr. Simas Machado, para que fora expressamente convidado pelo Comandante do 8, Tenente-coronel sr. Carlos Guimarães, tendo-se feito acompanhar pelo seu chefe do Estado-maior, sr. Tenente-coronel Carminé Ribeiro Nobre, e respectivo ajudante de Campo.

Muito antes das 12 horas já a vasta parada do quartel de Sá se achava repleta de povo, vendo-se ali todas as autoridades devidamente representadas, bem como grande número de convidados, concorrendo também contingentes de todas as unidades militares aqui aquartelados. Ao meio dia preciso, achava-se formado o regimento na sua máxima força, dando-se então começo à ciremónia da ratificação do juramento de bandeiras, tendo-se seguido à leitura dos deveres militares uma patriótica allocução pronunciada pelo tenente sr. Vasco Lopes, que em frases eloquentes exaltou as virtudes da raça, induzindo os novos soldados ao cumprimento dos seus deveres militares, embora com sacrificio da própria vida, desde que tivessem a cobri-los a bandeira augusta da Pátria! Findo o discurso, seguiu-se a ciremónia do juramento e imposição da *Ferragere* da Cruz de Guerra ao 1.º sargento artífice António Joaquim Venceslau, por ter sido condecorado com a Cruz de Guerra a unidade a que este valente militar pertenceu durante as Campanhas da África de 1915 (artilharia de montanha), imposição que foi feita pelo General Simas Machado.

Após esta ciremónia, verdadeiramente tocante, como todas as que se effectuam para galardoar os feitos de heroísmo praticados em defesa da Pátria, desfilaram os diferentes contingentes militares em marcha de continência, ao som de uma marcha de guerra executada pela banda do 24, corneteiros e clarins dos diferentes contingentes. Foi notável o apromo militar com que se apresentaram os vários contingentes, tendo o sr. Simas Machado exteriorizado a sua satisfação por esse facto, bem como pelo grau de instrução dos recrutas de cavalaria n.º 8, que, finda a formatura, executaram no picadeiro, que se achava artisticamente engalanado, diversos exercicios desportivos, tais como: lucta greco-romana, jogo da rosa, saltos em altura, lucta de tracção e volteio. Fôram distribuidos prémios pecuniários aos recrutas que mais se salientaram, tendo os referidos prémios atingido uma quantia relativamente avultada. E assim terminou esta festa a todos os títulos brilhante, graças à boa vontade e superior critério do Comandante de cavalaria n.º 8, secundado por todos os officias daquele regimento.

Exames de admissão ao Liceu. — No *Liceu Vasco da Gama* (Aveiro), começaram no passado dia 1 estes exames, atingindo os concorrentes o número de 350, que foram distribuidos por 5 júris.

Fernando Moreira

Conservador do Registo Civil
Advogado

Consultas todos os dias úteis, na Conservatória do Registo Civil, à Praça da República — Aveiro.

Testa & Amadores

ARMAZENS DE MERCEARIA POR GROSSO
* FERRAGENS, CEREAIS E AZEITES *

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Depositários do OPORTO OIL COMPANY — Telegramas: TESTA

Rua Eça de Queiroz — AVEIRO

Banco Nacional Ultramarino

Emissor para as colónias portuguesas

Sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa

CAPITAL AUTORIZADO, 48 MILHÕES; REALIZADO, 24 MILHÕES; FUNDO DE RESERVA, 24 MILHÕES

Filial em Aveiro—Rua João Mendonça—EDIFÍCIO PRÓPRIO

Aluguer de cofres fortes N.º 1, 9\$00 semestrais ou 12\$00 anuais
N.º 2, 10\$00 " ou 15\$00 "
N.º 3, 15\$00 " ou 20\$00 "

Estes cofres garantem a maior segurança contra roubo e incêndio. Cada locatário recebe a ÚNICA chave especialmente fabricada para o seu compartimento, podendo à sua vontade estabelecer o segredo da fechadura.

O acesso aos cofres tem lugar todos os dias úteis, das 10 1/2 às 15 1/2 horas

"A ELEGANTE," ESTABELECIMENTO DE ... FAZENDAS E MODAS
Camisaria e gravataria

ARTIGOS DE NOVIDADE PARA CONFECÇÕES
Perfumarias e bijuterias

— Pompeu da Costa Pereira —
Rua José Estevam AVEIRO Rua Mendes Leite

CIMENTO

Para obras de responsabilidade. Barras de aço para cimento armado. Produtos impermeabilizadores e endurecedores para cimento.

Sociedade Commercial Financeira, Ltd.^a

Telefones. C 197 e 5267.

Rua do Alecrim, 65, 1.º—Lisboa

Eduardo Trindade

Venda de bicicletas e acessórios. Oficina de reparações

Representante das motocicletas F. N., CLYNO e EXCELSIOR

RUA JOÃO MENDONÇA, 1, 1-A e 1-B
Aveiro

Armazem de sedas

LENÇOS, Gravatas, Damascos, Nobrezas, e outros tecidos de seda. Sedas para bordar e molas para vestidos. Preços de concortencia. Vendidas só por junto. Pedidos a AGOSTINHO DE OLIVEIRA ROCHA & IRMÃO—Rua do Bomjardim 306, 1.º—PORTO.

Estabelecimento de ferragens, vidraças e tintas
MERCERIA
Grande deposito de cimentos nacionais e estrangeiros. Adubos, sulfato e enxofre.—Agente da Companhia de seguros "PROBIDADE."

Domingos Leite & C.^a, L.^{da}
Rua José Estevam, 5, 5-A e 5-B
AVEIRO

Livraria VIEIRA DA CUNHA

—Rua Direita n.º 70 AVEIRO—

Grande sortimento de papelaria—Artigos de escritório—Sacas para livros—Louças—Artigos para desenho e pintura—Perfumarias—Sabonetes—Quinquilherias—Postais ilustrados, etc.

Alfaiataria e fazendas

João de Deus Marques & C.^a, Lt.
Rua João Mendonça—AVEIRO

Gravataria
Camisaria
e Perfumaria

SEDAS-SEDAS-SEDAS
SEDAS largas e estreitas para vestidos, blusas, guarnições e forros. SEDAS para sombrinhas e guarda-chuvas. SEDAS para cortinas de automóveis e trens. SEDAS em meadas para bordar. DAMASCOS DE SEDA para colchas, estojos, paramentos e ornamentações. NOBREZAS DE SEDA, tudo a preços módicos. Tem sempre uma grande variedade em existencia. CASA DAS SEDAS, rua de Santa Catarina, 137—PORTO.

Tomaz Vicente Ferreira

Fatos para passeio e cerimonia. Gabões e capas de agasalho

RUA DIREITA—AVEIRO

Empresa de Louças e Azulejos, L.^{da}

AVEIRO-BASTUGAL
Fundada em 1919
Premiada em primeiro lugar na exposição realizada na Tapada d'Ajuda pela Associação-central-de-agricultura, e com medalha de ouro de 1.ª classe na exposição organizada em Vizeu durante o Congresso-beirão, únicas a quem concorrido.
Panneaux decorativos—Louça artística

SAPATARIA TEIXEIRA

Aveiro—Rua Direita—10

FAZ E CONCERTA calçado para homem, senhora e criança pelos ultimos modelos e minimos preços. Garante a excelente qualidade dos cabedais e mais material que emprega

Manuel Maria Moreira

Pazendas brancas e de lã, retrozeria e modas.

BORRACHOS E MIUDEZAS, BANOS GRUS, BRETANHAS FINAS, ENXOVAS PARA BATISADOS

Rua Coimbra, 11—(Antiga Rua da Costeira)

AVEIRO

Salgueiro & Filhos, L.^{da}

Deposito de tabacos

nacionais e estrangeiros
Delegados da Companhia "Sagres," seguradora

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES

Aveiro—Praça Luís Cípriano

Fabrica de Louça e Azulejos

DA PONTE NOVA — Fundada em 1882 —
AVEIRO

—DE— Manuel Pedro da Conceição

Premiada em varias exposições

Vasos, balaustres, louça de uso comum e de fantasia, azulejos em paneaux em todos os estilos, e de revestimento de paredes.

Mercearia Aveirense DE

Francisco Perfirio da Silva

Chá, Café, Papelaria e Miudezas
Rua do Gravito

AVEIRO

Antonio José da Fonsêca

Cereais e legumes

Estarreja—Pardelhas

Casa

Vende-se uma casa composta de rez-do-chão e 1.º andar, com pequeno quintal, sita na travessa de S. Martinho, desta cidade.

Quem pretender dirija-se a Pedro Gonçalves morador na rua do Passeio.

Aos nossos assinantes

Vamos por estes dias proceder á cobrança das assinaturas cujos trimestres começam em 1 e 15 de Julho e 1 e 15 de Agosto. Como as cobranças ho-

je ficam caríssimas, pedimos a todos os nossos assinantes o especial obsequio de nos não devolverem os recibos, evitando-nos assim novas e grandes despesas.

CASA COMERCIAL

Passa-se uma bem afregueza e em sitio central, com casa de habitação e dois armazens anexos. Nesta redacção se diz.

